



## O CONCEITO DE INDÚSTRIA CULTURAL NO PROCESSO EDUCACIONAL EMANCIPATÓRIO EM ADORNO

Regina Lúcia Praxedes de MEIRELLES<sup>1</sup>

Raquel Matias MAIA<sup>2</sup>

### RESUMO

Theodor W. Adorno (1903-1969), pensador alemão de origem judaica, na obra em parceria com Horkheimer, **Teoria Crítica**, faz uma análise da sociedade a partir da revolução industrial marcada por uma realidade capitalista e industrializada, em que tudo é tratado como produto, incluindo os seres humanos. Sob o caráter deformativo do conceito de ideologia, apoiado nas ideias marxistas, observa que em uma sociedade tecnificada, nada é mais inapropriado que a perseverança em uma reflexão crítica afirmando que a massificação e o consumo da produção cultural não são fontes da concretização de uma sociedade mais igualitária em possibilidades de autonomia crítica dos sujeitos. Dessa forma, a cultura dominante mercantilizada confunde, sutilmente, seus consumidores ao apresentar como válidas ideologias falaciosas que atentam contra a autêntica formação dos indivíduos. A Educação, que teria como objetivo principal a formação de cidadãos críticos e politicamente referenciados, contribuindo para o processo de autorreflexão da formação, adota e pratica esses valores, colaborando diretamente para a permanência do estado de menoridade social e a não-constituição de um espírito emancipado, no que Adorno chama de semiformação. De fato, a produção industrial que se submete quase que por completo ao seu caráter de valor afasta-se de si própria, ou seja, termina por

---

<sup>1</sup>Mestra em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2007). Coordenadora do Curso de Graduação em Filosofia da UniAcademia - Centro Universitário. E-mail: <rluciameirelles@gmail.com>.

<sup>2</sup> Graduada em Filosofia pela UniAcademia - Centro Universitário. E-mail: <rakelmatias55@gmail.com>.

negar toda a possibilidade de felicidade ao dissimular um verdadeiro estado de liberdade. Diante deste quadro, este artigo tem por objetivo principal possibilitar uma reflexão crítica sobre o fenômeno educacional a partir das análises propostas pro Adorno, e sua relação com o conceito de semiformação, a manutenção do *status quo* e a deformação cultural.

Palavras-chave: Adorno. Indústria cultural. Semiformação. Educação. Emancipação.

## 1 INTRODUÇÃO

Karl Marx (1818-1883) juntamente com Friedrich Engels (1820-1895) se dedicou aos estudos referentes à interpretação da História e do mundo, estudo este que a tradição cunhou sob o conceito de materialismo histórico<sup>3</sup>, apesar deles próprios nunca terem empregado essa expressão. Marx compreende que o pensamento é condicionado pelo meio e que, portanto, a materialidade pode ser percebida na base das estruturas sociais. A percepção material da vida está ligada ao entendimento das relações humanas, isto é, as ideias econômicas, políticas, religiosas e sociais são resultados das relações humanas no meio social, de acordo com o poder, riqueza e opressão.

Em Marx, é no exercício reflexivo geral e coletivo, na experiência social das interações humanas culturalmente padronizadas que o homem percebe a verdade manifesta na realidade (GADOTTI, 1989) para não recair em um sistema ideológico que fabrica certezas e ilusões na consciência dos

---

<sup>3</sup> “Com este nome, Engels designou o cânon de interpretação histórica proposta por Marx, mais precisamente o que consiste em atribuir aos fatores econômicos (técnicas de trabalho e de produção, relações de trabalho e de produção) peso preponderante na determinação dos acontecimentos históricos. O pressuposto desse cânon é o ponto de vista antropológico defendido por Marx, segundo o qual a personalidade humana é constituída intrinsecamente (em sua própria natureza) por relações de trabalho e de produção de que o homem participa para prover às suas necessidades. A "consciência" do homem (suas crenças religiosas, morais, políticas, etc.) é resultado dessas relações, e não seu pressuposto. Esse ponto de vista foi defendido por Marx sobretudo na obra Ideologia alemã (Deutsche Ideologie, 1845-46). Em vista disso, a tese do M. histórico é de que as formas assumidas pela sociedade ao longo de sua história dependem das relações econômicas predominantes em certas fases dela. [...] Marx elaborou essa teoria sobretudo em oposição ao ponto de vista de Hegel, para quem é a consciência que determina o ser social do homem; para Marx, pelo contrário, é o ser social do homem que determina a sua consciência” (ABBAGNANO, 2007, p. 652).

indivíduos. A filosofia deve, então, problematizar essa realidade, provocando reflexões sobre o poder político dominador que impõe suas ideias, disfarçando a exploração do proletariado.

Em Adorno é pertinente perceber a influência marxista na crítica ao trabalho alienado, que na História apresenta-se como luta de classes sociais (explorados versus exploradores). A exploração se visualiza quando o objeto que o trabalhador produz do seu tempo e de sua energia vira fonte de lucro para outro que é o dono dos meios de produção: o capitalista burguês. O sistema capitalista sustenta-se graças ao desenvolvimento tecnológico que traz novos e modernos elementos científicos, o que possibilita a produtividade em massa, acarretando a necessidade de um aumento substancial no contingente do operariado, atuando em condições de exploração de sua força de trabalho. O valor de uso é determinado de acordo com a utilidade relacionada às suas propriedades físicas, e seu valor de troca varia no tempo e no espaço. O salário refere-se apenas ao valor da força gasta pelo trabalhador, mas este não recebe o equivalente ao montante gerado pelo seu trabalho. A partir disso, é possível entender o conceito de mais-valia como sendo esse valor criado a mais, que não é repassado ao trabalhador e que serve como base do lucro, que se caracteriza como uma parte variável que, no sistema capitalista, forma a base de exploração do trabalhador (GADOTTI, 1989).

Marx revela que neste contexto a *práxis* social pode se constituir em uma atividade revolucionária, uma vez que pode se transformar em um instrumento capaz de produzir mudanças nas estruturas sociais, políticas e econômicas, atingindo a classe dominadora que usa de força ideológica para opressão e manutenção do *status quo*.

A história da Escola de Frankfurt data do início da década de 1920, quando, em 1923 criou-se, na Alemanha, o Instituto de Pesquisa Social, órgão vinculado à Universidade de Frankfurt, com a proposta de estudar os movimentos trabalhistas e sociais da época, tendo como principal referência as ideias marxistas. Com base numa teoria crítica da sociedade, os membros dessa escola aliam elementos marxistas com uma crítica a diversos aspectos do cotidiano para se fazer uma análise da sociedade industrial avançada.

No ano seguinte, por iniciativa de Felix Weil, considerado o seu fundador, a Escola passa a financiar as atividades do instituto, o que contribui

para a sua manutenção durante um período muito complicado para a história da Alemanha. Cogitou-se também o nome de **Instituto para o Marxismo**, mas optou-se por **Instituto para a Pesquisa Social** pelo fato de que muitos membros não se identificavam com o pensamento marxista ao todo e com o anticomunismo reinante da época.

Max Horkheimer (1895-1973) associa-se à formação do Instituto para desenvolver pesquisas sociais. Já em 1929, assume o controle da Escola e propõe um novo estudo, intitulado **Teoria Crítica**, visando compreender as relações sociais e seus problemas na modernidade, juntamente com a tecnologia que está sendo instaurada.

Uma das principais finalidades da Escola de Frankfurt consistia no estudo da dinâmica das transformações na sociedade, estudos esses que deram origem a reflexões filosóficas denominadas de **Teoria Crítica**, em que filósofos já reconhecidos pela tradição como Herbert Marcuse e Walter Benjamin trabalham arduamente em busca de modelos teóricos de origem multidisciplinar, além de trabalho de campo, visando compreender o contexto histórico que se apresentava após a Primeira Guerra Mundial.

Ao vivenciar a ascensão do nazismo no continente europeu, os pensadores da época realizaram estudos no sentido de buscar a compreensão dos mecanismos de controle social praticados naquele contexto, no que diz respeito à dominação/alienação e emancipação, além de buscar entender como os indivíduos se tornavam insensíveis à dor do autoritarismo.

Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969) foi membro dessa escola, tendo um papel importante na investigação das relações humanas, pois visava compreender a cultura como elemento de transformação da sociedade cientificista da época. Por ser alemão de origem judaica, Adorno se viu ameaçado pela ascensão do nazismo, refugiando-se em países europeus e, na década de 1930, após uma intervenção do governo nazista que confiscou o prédio do Instituto e apreendeu seu acervo de livros, fez-se necessário a transferência da Escola para os EUA, na cidade de Nova York (LEITÃO, 2016).

Adorno imigra para os Estados Unidos a convite de seu amigo Max Horkheimer. Nesse tempo, desenvolvem estudos acerca do impacto da tecnologia na cultura do lucro e na vida dos indivíduos. Substituindo o conceito

de cultura de massa, os frankfurtianos criam a expressão **Indústria Cultural** para explicar o novo emprego da arte na sociedade capitalista consumista e como os efeitos desse novo sistema pode afetar a formação crítica da sociedade.

Com o fim do Estado nazista, ele retorna ao seu país de origem no início de 1950, voltando a trabalhar na Escola de Frankfurt, formalmente reinaugurada em meados de 1953. Nesse momento, Adorno e Horkheimer definem a **Indústria Cultural** como um sistema político e econômico que tem por finalidade produzir bens de cultura - como produções cinematográficas, produção para rádio e TV entre outros - para estabelecer um controle da sociedade, apoiado no caráter deformativo de ideologia.

Para Adorno, tal sistema se refere à compreensão de que o lucro administra a produção em massa anulando a singularidade do artista, ou seja, sua originalidade no processo de criação, sendo que sua atuação se encontra já desde o início, com um fim preestabelecido (LEITÃO, 2016). Evidencia-se, dessa forma, o modo de produzir cultura no período industrial capitalista e os avanços tecnológicos que possibilitam o surgimento de novas formas de expressões artísticas e o estabelecimento de novas relações entre o público e a arte. Toda a produção artística fica padronizada e não há espaço para o inédito. Os produtos culturais são medidos pelo valor de troca, e a quantidade de tempo de trabalho necessário para a produção de determinada mercadoria estabelece o seu valor.

Imbuído pela ideologia professada pela classe dominante (caráter deformativo), o indivíduo é contaminado pela necessidade de consumir tais mercadorias incessantemente, buscando sempre satisfazer seu desejo pelos sempre novos produtos ofertados, pois que é pelo poder e capacidade de posse que se estabelece o valor individual do cidadão. Dessa forma, os produtos se apresentam como alienantes, influenciando a liberdade de expressão e vontade do indivíduo. No sistema ideológico assim definido, os valores adotados e que fundamentam as ações humanas não são oriundos de uma reflexão crítica apurada, o que faz com que o homem viva indiferente aos fundamentos do contexto social, cultural e econômico, não sendo dada a ele a oportunidade de conhecer e intervir no que acontece a seu redor. A ideologia instaurada é usada para levar os indivíduos a considerar como válidas e

próprias regras e valores de interesse de uma minoria que exerce o poder, privando-os de reconhecer seus direitos e deveres.

A partir disso, este artigo se propõe a uma reflexão sobre o papel da educação no contexto social vigente a partir do conceito de **semiformação**, questionando sua participação explícita e/ou implícita na permanência do estado de menoridade social, quando, na verdade, deveria contribuir para a constituição de um espírito emancipado. A emancipação, na perspectiva de Adorno, deve ser compreendida na visão kantiana, que leva em consideração o conceito de **homem autônomo**. A emancipação se manifesta não somente individualmente, mas especialmente como um ser social. Ela se evidencia como sendo o pressuposto da democracia e consiste na determinação de formação pessoal de cada um em obter a sua autonomia (ADORNO, 2008).

A **Indústria Cultural** - críticas ao sistema, aqui apontada como a responsável pela incapacidade humana de agir com autonomia, em que a consciência é dominada pela comercialização e banalização dos bens culturais, instaura um processo deformativo na condição humana. Esse fenômeno é denominado por Adorno de **Semicultura** (semiformação), entendido como a determinação na construção de subjetividades na sociedade contemporânea, ou seja, aquela produção com o objetivo de formatar ideologicamente os indivíduos. Por consequência, a ação cultural não é espontânea, tem um propósito implícito *a priori*, qual seja, a divulgação de uma ideologia que distribui ações e produtos ditos 'culturais', mas que, na verdade, não o são. Diante disso, tal ideologia se apresenta como um processo real na sociedade capitalista capaz de afastar os homens das suas condições de vida e desinformar todo o conhecimento da formação cultural verdadeira, levando a uma formação dissimulada da verdade da realidade existente, tornando o homem uma vítima, sem possibilidade de defesa, vivendo como massa de manobra nas mãos da classe dominante.

Posto isto, na primeira seção deste artigo será trabalhado o conceito de Indústria Cultural para compreendermos a transformação de diferentes obras em produtos padronizados, devido o advento da tecnologia no processo de produção cultural. Em seguida, abordaremos a teoria da semicultura como processo que desencadeia numa Semiformação, ou seja, numa determinação

social de caráter deformativo das consciências dos homens, prejudicando a formação cultural marcada pelo fenômeno ideológico.

## 2 INDÚSTRIA CULTURAL

A partir do desenvolvimento da ciência e das novas tecnologias, os meios de comunicação têm avançado significativamente, proporcionando a difusão do conhecimento e da comunicação no mundo. “Ressalta-se, então, um processo de concentração de capital, que só reforça tendências já presentes no modelo **clássico** da Indústria Cultural” (DUARTE, 2003, p.187). Significa dizer que tal difusão acarreta aumento no consumo de bens culturais, exigindo aporte de investimentos econômicos oriundos da classe dominante e, conseqüentemente, aumento no contingente da classe operária tratada de forma exploratória. Conforme Duarte,

Tal crítica mostra-se hoje mais pertinente do que nunca, pois o aperfeiçoamento dos meios tecnológicos de produção, reprodução e difusão de mensagens visuais e sonoras permite o aprofundamento e a expansão dos métodos classificatórios e manipulatórios empregados pela Indústria Cultural (DUARTE, 2003, p. 187).

Quando os autores do livro **Dialética do Esclarecimento** (1985) se referem, especialmente no capítulo 3 intitulado **Indústria Cultural**, ao esclarecimento como mistificação das massas a uma “necessidade social dos produtos” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 100), não querem dizer que exista uma demanda espontânea pelas mercadorias culturais específicas oferecidas pela **Indústria Cultural**. Os autores, então, nessa medida, denunciam como falacioso o discurso que afirma que a padronização e o baixo nível dos produtos culturais são reflexos daquilo que o próprio público consumidor deseja. Logo:

Os padrões teriam resultado originalmente das necessidades dos consumidores: eis por que são aceitos sem resistência. De fato, o que o explica é o círculo da manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa. O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 100).

Empenhados em interpretar o significado social da técnica em função do modelo econômico, enxergou-se então uma necessidade pelo controle da consciência moral. Dessa maneira, o avanço tecnológico é apontado como o vetor que aprofunda e amplia a produção de produtos culturais, sendo que o rádio e a televisão alcançam grupos sociais os mais diversos, estabelecendo modelos socialmente referenciados, amalgamando diferentes histórias e formações culturais. Ou seja, os dispositivos tecnológicos produzidos pela **Indústria Cultural** possibilitam uma comunicação de massa.

A **Indústria Cultural** necessita, o tempo todo, prestar atenção às necessidades genéricas de seus consumidores, revelando assim a meta do liberalismo. Ou seja, há uma aparência de liberdade empresarial, mas na verdade constata-se que não há mais concorrências. A cultura se revela como adestramento na medida em que demonstra que todos somos consumidores e, ao mesmo tempo, produtos. A razão instrumental reduz a humanidade à condição de clientes ou empregados, significando uma grande transformação na própria concepção de ideologia<sup>4</sup>. Sob o escrutínio de uma tal ideologia, os meios de reprodutibilidade técnica permitem uma reconstrução do mundo, dispensando interpretações, afirmando que o que se vê e ouve é o que de fato

---

<sup>4</sup>A utilização do termo Semicultura tem o objetivo de conservar o sentido da falsidade do processo formador, pois a semiformação apresenta-se de forma dissimulada como a desinformação do indivíduo, mas como já disse Adorno, ela é **inimiga mortal** (ADORNO, 2005) da formação, porque tem o caráter de controle da ideologia que, como consequência, demonstra confusão e obscurecimento da consciência a uma relação cega com os produtos culturais. O termo semiformação resguarda, no plano subjetivo, o sentido emancipatório de formação que se converteu em ideologia. A formação que está sendo implantada é falsa. E a cultura (cultura aqui entendida como finalidade de lucro e não no sentido tradicional como autonomia, identidade etc.) foi quem criou essa semiformação (termo usado por Adorno pra se referenciar a essa formação cultural que está sendo imposta e implantada em uma condição de exploração) a partir do conceito de deformação da ideologia (modelo esse que saiu da existente realidade e se transformou num mundo artificial que os homens não conseguem perceber). E com isso vem o caráter de sentido do termo ideologia em que seu significado "não consiste, como achavam os escritores marxistas, no fato de ela expressar os interesses ou as necessidades de um grupo social, nem na sua verificabilidade empírica, nem em sua validade ou ausência de validade objetiva, mas simplesmente em sua capacidade de controlar e dirigir o comportamento dos homens em determinada situação" (ABBAGNANO, 2007, p.533). Ou seja, dentro desse novo mundo ideológico o indivíduo é levado a acreditar ser tal realidade a exata, mas não percebe que está sob os interesses de um grupo social dominador e, assim, não exerce as suas reais escolhas e não omite suas opiniões. Faz-se, assim, necessário registrar a importância do significado do termo ideologia para que se entenda o conceito de semiformação, evidenciando como falsa uma formação cultural que leva o homem ao conformismo de suportar uma racionalidade que, na verdade, é irracional e que o homem não enxerga por si próprio.



existe. Tudo gira em torno da geração do capital. A **Indústria Cultural** cria a ilusão da diversidade.

O cinema, por exemplo, é uma estrutura que se exercita de forma rigorosa, todos os roteiros devem seguir a tipos determinados de desenvolvimento. E a reação do público tem a ver exatamente com saber o que esperar, uma repetição que satisfaz o desejo da revisitação, reafirmando e rememorando os ideais capitalistas. A **Indústria Cultural** é uma promessa de prazer e distração. O importante é divertir-se e não se preocupar, as pessoas não devem pensar e, sim, consumir e aceitar. O resultado disso é um processo de modelagem nas formas dominantes da universalidade, que acontece em termos específicos da linguagem estética, no humor, em que o que se diz é o oposto do que se pensa. Como as surras que o pato Donald leva nos *cartoons*, onde os expectadores riem da sua própria condição e passam a banalizar o que eles próprios recebem, o que testemunha, então, que a **Indústria Cultural** utiliza dos bens culturais da cultura popular e da arte erudita de maneira falsificadora, onde o bem artístico perde seu caráter de identidade e toma seus bens culturais como conteúdo a ser consumido, sendo imposta por ela e divulgada pelos meios de comunicação de massa a população, ou seja, a **Indústria Cultural** oculta portanto o valor cultural real.

Segundo Duarte:

[...] a Indústria Cultural é, antes de tudo, um negócio que tem seu sucesso condicionado a empréstimos e fusões da cultura, da arte e da distração, subordinando-se totalmente as já mencionadas finalidades de lucro e de obtenção de conformidade ao status quo (DUARTE,2003, p.59).

Sendo assim, o que se repete converte-se em justificativa da permanência cega do sistema, de sua imutabilidade.

Ao reconhecer como válidos e consumir tais produtos culturais, o consumidor, pelo reforço dos preceitos declarados pela ideologia reinante, é levado a considerá-los como uma resposta a uma cotidianidade, por vezes monótona, como uma ferramenta que permite afastá-lo de tudo que lembre o esforço do trabalho diário. Adorno (1985) diz que esta não é uma fuga propriamente dita, mas sim uma resignação, uma aceitação da realidade. Quem lê um livro leu todos, quem ouve uma música ouviu todas e assim por

diante. E o ideal de perfeição considerado pela **Indústria Cultural** é algo que não podemos ter ou ser. Exemplo disso pode ser percebido na figura dos galãs das telenovelas. Essas personagens sempre se mostram capazes de ter ou fazer coisas, conquistar oportunidades que as pessoas comuns não realizam, são personagens ricas, bonitas e felizes, em uma representação que apesar de não corresponder à realidade, serve de meta de vida para os cidadãos. Mas há sempre a garantia de um final feliz, restabelecendo um conforto ao dia-a-dia, mostrando ao consumidor que a vida dele é difícil, mas que uma hora ele irá conseguir. “O riso torna-se o meio fraudulento de ludibriar a felicidade” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.116), o que, na verdade, mostra e reafirma a precariedade do cidadão comum.

A racionalidade capitalista e o avanço tecnológico são instrumentos produtivos visando a obtenção da racionalidade instrumental do lucro. Nesse ambiente social tendenciosamente totalitário, assegura-se a **Indústria Cultural**, que não admite espaço para manifestações próprias de individualidade, embora as prometa (Seja um vencedor! O brasileiro não desiste nunca! Este é um país que vai pra frente!)

Constitui-se, dessa forma, uma doutrina da dominação sobre a classe trabalhadora. O sistema cria a ilusão de que o trabalho e o companheirismo no trabalho são garantias efetivas para que os indivíduos alcancem o sucesso e o reconhecimento de seu valor. Observa-se, então a precariedade do indivíduo frente a uma ilusão ideológica que lhe é atribuída e assimilada sem nenhuma resistência. Visualiza-se a exploração do trabalho alheio pelos chefes econômicos visando apenas a lucratividade.

De acordo com Duarte (2003), neste cenário, a possibilidade do indivíduo se rebelar contra o sistema opressor se encontra ameaçada porque a tendência que se visualiza é o dissolvimento das individualidades, já que não há espaço para manifestações de posicionamentos contrários à cultura de massa, uma vez que os indivíduos não têm consciência da ideologia dominante que se instalou, mas a reconhecem como se sua fosse.

Essa insistência sobre a bondade é a maneira da sociedade confessar o sofrimento que ela causa: todos sabem que não podem mais, neste sistema, ajudar-se a si mesmos, e é isso que a ideologia deve levar em conta (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.125).

Assim, ao desfrutar dos produtos produzidos pela **Indústria Cultural**, os indivíduos se mantêm ocupados desde a saída do trabalho, até o momento do seu retorno ao mesmo, promovendo um prolongamento da sua jornada. Esse processo se dá através da oferta das mais variadas opções de atividades que visam preencher seu tempo livre, para que ele, indiretamente, continue produzindo riqueza e fazendo a economia girar, ou, simplesmente, para mantê-lo ocupado e distraído com alguma forma de entretenimento.

De acordo com Adorno, através da mídia, o homem é influenciado das mais diferentes formas. A programação oferecida pelos canais de TV é constantemente direcionada a lhe impor valores e costumes que visam atender aos anseios do mundo capitalista, onde, a todo momento, apelos comerciais, competentemente desenvolvidos pelas agências de marketing e propaganda, buscam convencê-lo a adquirir produtos ou serviços, mesmo que esses não lhe tenham qualquer utilidade e que seriam indispensáveis para elevar a sua qualidade de vida e lhe proporcionar felicidade (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

O sistema capitalista busca vender a ideia de liberdade diante das ações tomadas pelo homem para lhe proporcionar segurança, como, por exemplo, o medo da fome e do desemprego lhe impõe jornadas excessivas e condições de trabalho inadequadas. Fora do lar, bares, restaurantes, clubes, shoppings, cinemas, entre várias outras opções de entretenimento, além de induzi-lo ao consumo, o mantém distraído e com a falsa sensação de liberdade. Enxerga-se, portanto, uma característica do capitalismo, que não se preocupa em produzir o que se precisa, mas determina o que se deve necessitar. Por trás da produção e do consumo, é mascarada, então, a exploração do proletariado. Nesse sentido, exige-se uma adaptação para sobreviver no sistema. Sobreviver às adversidades do capitalismo é a palavra de ordem. Explicitadas as características da Indústria cultural, é seguro, agora, apresentar o conceito de Semicultura.

### 3 A EDUCAÇÃO E A TEORIA DA SEMICULTURA

Quando Adorno (2008) se propôs a discutir a questão do objetivo educacional, a intenção era refletir sobre o papel da educação na formação integral dos cidadãos. Na medida em que indagou “Educação – para quê?” (ADORNO, 2008, p.139), onde esse **para quê?** não é mais evidente por si mesmo, tornam-se então necessárias reflexões sobre a questão. Adorno concorda com “a crítica ao conceito de modelo ideal” (2008, p.141), apresentando, então, a sua concepção de educação com um viés de exigência política, ou seja, uma democracia para operar conforme seu próprio conceito deve também requerer pessoas emancipadas. No entanto, é preciso tomar cuidado com o conceito de **homem emancipado** para não o transformar em um ideal orientador. Com isso, levantam-se dois problemas difíceis quando se referem à emancipação. O primeiro se trata da perda de luz do conhecimento que permite ao ser humano vivenciar e experimentar os aspectos ou a totalidade do seu mundo interior, já que a organização do mundo em que vive converteu-se imediatamente em sua própria ideologia. O segundo problema se caracteriza pela adaptação, pois se emancipação deveria estar a par do conceito de conscientização, na verdade o que acontece é uma apropriação desse conceito envolvendo uma adaptação. A emancipação encontra-se então como uma ideia abstrata, aqui entendida em oposição ao real, como algo apenas idealizado, mas não vivenciado concretamente (ADORNO,2008).

O frankfurtiano questiona um sistema que nega ao homem no exato momento que afirma ideologicamente o direito à própria vida – biológica, social, intelectual, política, econômica e etc. “A emancipação então além de abstrata se relaciona a uma dialética” (ADORNO, 2008, p.143). Para este pensador, é uma dialética negativa em que há consciência da diferença e da impossibilidade de abarcar o todo por meio do simples pensamento. A emancipação se torna sinônimo de adaptação, em que não se consegue obter outra possibilidade de constituição de mundo. Adorno reconhece ser uma ideia negativa, pois não se consegue produzir uma ideia nova pelo simples pensamento. O homem está enquadrado no sistema e acredita que está se emancipando, mas o que se realiza é uma abstração, porque ninguém

consegue realizar de fato, e a emancipação fica somente no ideal. Portanto, para então tratarmos o conceito de emancipação, teremos de levar em conta o aspecto do obscurecimento da consciência pelo existente. Dessa forma, recupera-se esse aspecto a partir da crítica contida no conceito de **Indústria Cultural**, usada para a manipulação das massas, que mata, já na raiz, as legítimas manifestações dos seres sociais. Dessa forma “a educação seria impotente e ideológica, se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo” (ADORNO, 2008, p.143). Sendo uma educação com função de educar para a emancipação, ao ignorar o problema da adaptação e, com isso, não preparar o homem para as mudanças no mundo, essa educação seria em vão.

Tendo a cultura se transformado em valor, seu conteúdo pode ser apropriado e manipulado ideologicamente para quaisquer fins, mostrando, com isso, a falseabilidade de tais bens culturais. Com isso, se a cultura deveria ser aquilo que resulta em um indivíduo livre, fundado na sua própria consciência, no entanto lembra Duarte (2003, p.94) “que não deve deixar-se iludir quanto à possibilidade de que apenas o âmbito da cultura e da arte garantiria uma sociedade racional, pois, elas não são incompatíveis com a barbárie”.

Então, a partir dos meios de massa, a cultura foi entendida como forma de estruturação da vida dos homens, destacando o momento já mencionado aqui como adaptação, levando ao nivelamento dos homens, isto é, a cultura foi aqui compreendida como forma de adaptação do indivíduo ao *status quo*, como uma forma de domesticação do animal humano. Observa-se então que a promessa e esperança de uma cultura democrática a todos se instaura numa exploração consciente do estado de ignorância.

A burguesia, em sua ascensão social e tomada do poder do político, historicamente se encontra culturalmente mais desenvolvida que as classes baixas e os camponeses, mas ao proletariado, ao contrário, tem sido negado, desde seu surgimento, o acesso à formação. Dessa forma, chegamos ao termo de Semicultura (ou Semiformação) proposto pela teoria adorniana. “A formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada” (ADORNO, 2005, p.2), evidenciando-se nas camadas mais baixas da população, onde a classe assalariada encontra considerável dificuldade de adquirir formação,

tornando- se, assim, uma fácil presa da forma atual da ideologia, a **Indústria Cultural**.

Segundo Duarte (2003), para Adorno, a Semiformação se tornou a forma dominante da consciência atual nivelada como um todo. No entanto, ele não acredita em uma absoluta universalidade da Semicultura. Como é de difícil comprovação, a esperança de Adorno de que alguns trabalhadores não foram afetados, podemos considerar a possibilidade de que

[...] a existência de pessoas que, por alguma razão profissional ou educacional, encontram-se fora do processo da semicultura - mas não menos subordinados à dominação – por sua pertença ao que restou do conceito de cultura no sentido tradicional (DUARTE,2003, p.96).

Para Adorno “a semiformação não se confina meramente ao espírito, adultera também a vida sensorial” (1996, p.4). O conhecimento, nessa medida, se converte em dominação, influenciando o indivíduo contra as suas próprias vontades.

Observa-se, também a partir disso, que o autor critica a divulgação em massa dos bens culturais (música erudita no rádio, livros de filosofia em edições de bolso, a ciência em revistas de curiosidades etc.) por um viés elitista, negando o caráter democratizante dessa divulgação. O barateamento da cultura degenera a cultura. Os bens culturais já não têm mais valor por si mesmos, mas são cuidadosamente adaptados ao **consumidor**. O caráter de mercadoria assumido pela cultura, sua transformação em fetiche, exaure-a de substância. “A formação se reduz a marcas distintivas da imanência e da integração sociais, e se converte, sem reservas, em algo trocável e que se pode aproveitar para alguma finalidade” (ADORNO, 1996, p.11).

A Semicultura é a cultura associada pela metade, que passada por formação cultural acaba bloqueando o acesso à cultura, que na realidade essa democracia no acesso à cultura se instaura tanto como a reprodução da miséria espiritual, como para a manutenção da barbárie cultural.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do pensamento e das teorias de Adorno aqui apresentadas, é correto afirmar que a educação, aos moldes do sistema capitalista, está a serviço da formação de mão-de-obra para atender às necessidades de produção da indústria. Seu objetivo, portanto, não é aquele expresso em documentos oficiais, o de formar integralmente cidadãos livres e politicamente referenciados, mas o de transformá-los em potenciais consumidores dos produtos produzidos pela indústria. A ideologia da **Indústria Cultural** é uma manobra para a ação da Semicultura que tem como função uma formação educacional que se faz passar por promotora de instâncias humanas constituintes como de liberdade e igualdade, mas onde a cultura já se converteu em um valor, não preparando então o homem para uma educação crítica emancipadora.

O avanço tecnológico atua como uma fábrica de **ilusões** padronizadas do potencial cultural e artístico. Sendo assim, a cultura é transformada em produtos consumíveis. O consumo em grande escala dos produtos culturais se mostra como um viés para a democratização da arte, já que dessa forma pode levar cultura a um maior número de pessoas. No entanto, a indústria empobrece os conteúdos da esfera cultural, exclui a mediação, dificultando a reflexão. A formação cultural disponível é uma formação artificial. E a Semiformação realizada pela cultura de massa no modelo ideológico é a produção de sujeitos sujeitos ao processo de reprodução da sociedade em sua configuração vigente. As consciências estão em conformidade com a sociedade atual.

Com isso, gera-se um círculo de manipulação e necessidades retroativas e a integração voluntária de seus consumidores, onde as formas pela qual as pessoas se relacionam com os bens culturais são mediadas pelo valor de troca, evidenciando então a manutenção do poder. A economia, funcionando como mola impulsora da realidade social, acarreta o objetivo das classes dominantes de se tornarem legítimas e com elevado *status* social. A **Indústria Cultural**, então, trata os indivíduos como clientes ou sujeitos funcionais, revelando a fraqueza do eu e a ilusão da existência individual levando as pessoas à adaptação e não à autonomia.

Os meios de comunicação e suas ferramentas, como a televisão por exemplo, foram os veículos responsáveis pela divulgação da crença da **liberdade individual**, onde o sentimento de satisfação pelo consumo é estimulado, gerando uma falsa necessidade dos produtos ao telespectador. A posse desses produtos, na maioria das vezes, fornece o que prometem (alegria, sucesso, status etc.) de forma superficial e passageira, criando a ilusão de emancipação, prendendo-o num ciclo vicioso de conformismo. Dessa forma, não ocorre a resistência frente à adaptação da realidade existente e, ao se analisar o contexto educativo, pode-se perceber que não ocorre uma tensão necessária para a verdadeira formação emancipatória. Então, a partir do fortalecimento da adaptação e ainda a aceitação na espiritualidade e na consciência sem uma intenção de mudança por parte dos indivíduos juntamente com a barbárie do ensino pela dureza, aliado à razão instrumental e a **Indústria Cultural** resultam o modelo ideológico da Semiformação. Isto é, a deformação da formação ou simplesmente a falseabilidade de uma formação cultural, que tem por objetivo, a partir dos mecanismos do mercado, neutralizar a consciência crítica.

O papel da educação deveria consistir em propiciar aos indivíduos condições de reconhecer e revelar os mecanismos que tornam as pessoas incapazes de adquirirem sentimentos plenos e tornar o lugar social em que o cidadão possa expressar sua personalidade, proporcionando o desenvolvimento autônomo e crítico, retornando à sua subjetividade ampliada, agindo por seus próprios direitos segundo seu livre arbítrio, sem a autoridade exercida soberanamente de alguém o dominando conforme seus interesses.

O progresso da universalização da lógica do equivalente cada vez mais faz com que as possibilidades emancipatórias da cultura se conservem na dimensão ideológica. Afinal, a sociedade não se encontra livre? A ciência revela-se às vezes tão precisa, em decorrência de seus mecanismos de controle, que pode colocar condições que impliquem uma ausência de emancipação durante toda a vida. A **Indústria Cultural** afirma-se como princípio deseducativo cada vez mais, fazendo-se necessária uma atitude de resistência frente a esse processo, restando então como possibilidade à cultura a autorreflexão crítica, já que essa também perdeu seu caráter e se



transformou na cultura de massas, aquela que propagou a Semicultura. Somente assim se manterá a esperança de uma consciência em parte não tão afetada pela exploração do estado de consciência ignorante de alienação para que, desse modo, o propósito da formação emancipatória possa ser alcançado e cumprido.

## **THE CONCEPT OF CULTURAL INDUSTRY IN THE EMANCIPATORY EDUCATIONAL PROCESS IN ADORNMENT**

### **ABSTRACT**

Theodor W. Adorno (1903-1969), a German thinker of Jewish origin, in the work in partnership with Horkheimer, **Critical Theory**, analyzes society from the industrial revolution marked by a capitalist and industrialized reality, in which everything is treated as product, including humans. Under the deformative character of the concept of ideology, supported by Marxist ideas, he observes that in a technized society, nothing is more inappropriate than perseverance in a critical reflection stating that the massification and consumption of cultural production are not sources of the concretization of a society fairer and more democratic. In this way, the dominant, commodified culture subtly confuses its consumers by spreading false propaganda that undermines the authentic formation of individuals. With this, the Education contribute to the permanence of the state of social minority and / or can contribute to the constitution of an emancipated spirit? In fact, the industrial production that submits almost completely to its value character departs from itself, that is, it ends by denying all possibility of happiness by concealing a true state of freedom. In view of this situation, the main objective of this article is to enable a critical reflection on the educational phenomenon based on the analyzes proposed by Adorno, and its relationship with the concept of semi-training, the maintenance of the status quo and cultural deformation.

Keywords: Adorno. Cultural industry. Semi-training. Education. Emancipation.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. A Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas. In:\_\_\_\_\_ **Dialética do Esclarecimento**: Fragmentos Filosóficos. Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar,1985. p. 99-138.

ADORNO, Theodor. Educação e emancipação. In:\_\_\_\_\_ **Educação e Emancipação**. São Paulo, Paz e Terra, 2008. p. 169-185.

ADORNO, Theodor. Educação Para Quê? In:\_\_\_\_\_ **Educação e Emancipação**. São Paulo, Paz e Terra, 2008. p. 139-154.

\_\_\_\_\_. Teoria da Semicultura. **Revista Primeira Versão**. Porto Velho, v.13, n. 191, p. 2-18, 2005.

\_\_\_\_\_. Teoria da Semicultura. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v.17, n.56, p. 388-411, dez.1996. Disponível em: <<http://www.verlaine.pro.br/txt/pp5/adorno-semicultura-rev-1.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

DUARTE, Rodrigo. **Teoria Crítica da Indústria Cultural**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

GADOTTI, Moacir. **Marx**: Transformar o mundo. São Paulo: FTD, 1989.

IDEOLOGIA. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução: Alfredo Bosi. 5° Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 533.

LEITÃO, Christiane do Vale. Uma visão histórica da Escola de Frankfurt e de sua teoria crítica, **Revista Dissertar**, Rio de Janeiro, v.24, n.1, p.99-104, abr. 2016. Disponível em:<<http://revistadissertar.adesa.com.br/index.php/revistadissertar/article/view/42/30>>. Acesso em: 20 Fev. 2019.

MATERIALISMO HISTÓRICO. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução: Alfredo Bosi. 5° Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 652.